



GT 003. A luta pelo espaço nos centros urbanos contemporâneos

Urpi Montoya Uriarte (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a, Cornelia Eckert (UFRGS) - (Coordenador/a), Cristina Patriota de Moura (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Luísa Maria Silva Dantas (PPGAS/UFRGS) - Debatedor/a, Ana Luíza Carvalho da Rocha (Universidade Feevale/RS) - Debatedor/a

Nos centros urbanos convivem uma grande quantidade de espaços vazios desocupados e pessoas morando nas ruas, prédios abandonados e cortiços superlotados, edifícios restaurados e ruínas urbanas, imóveis ocupados por refugiados de todos os tipos, territórios de legalidades e ilegalidades. Neste espaço de múltiplas contradições e conflitos se livram, na atualidade, de forma aberta ou difusa, uma luta violenta e desigual pelo espaço, protagonizada por racionalidades opostas e lógicas complexas, formas distintas de entender a ordem, de habitar e de circular, de lembrar, de usar ou contra-usar. Projetos de reabilitação, revitalização, gentrificação, empreendedorismo e ordenamento urbano intervêm no espaço público usado por milhares de pessoas para sobreviver e nos prédios habitados por aqueles outros tantos que mal conseguem sobreviver. O capital destrói, constrói ou reconstrói ali onde lhe é conveniente enquanto os habitantes e usuários do centro se refugiam em espaços opacos, nas dobras dos espaços abstratos, construindo e reconstruindo suas formas de habitar os lugares centrais. O objetivo deste grupo de trabalho é congregar os diversos tipos de abordagens etnográficas que revelem e discutam a complexidade e os antagonismos que se defrontam nos centros urbanos contemporâneos, a "guerra de lugares" que se processa nele e as formas de entender o que é o centro e como habitá-lo.

Uso dos espaços, etnografia visual e embates (quase) silenciosos: aspectos de ?contemplações de passagem? na comunidade Vila Matos em Salvador/BA

Autoria: Luciano Magnus de Araújo

A cidade guarda mistérios, disso não há dúvidas. A cidade vivida por aquele-aquela que cria familiaridades é um ente de conhecimento-desconhecimento. A cidade pode ser desbravada, apropriada, consumida,... A relação do indivíduo que vive essa cidade é mediada por categorias e entendimentos dinâmicos, de falas várias, de interpretações fluidas e fugidias. E para aqueles-aquelas que não a conhecem, como se dá a natureza dessas percepções? Desconhecer e desconhecer-se na cidade são coisas próximas e distantes. Como é definido um primeiro contato com certa experiência urbana? Que elementos, de fato, mediam essa relação? O que é o ente cidade que exija ou possa ser vista como condição - meio-fim - para abordagens-entendimentos sobre e para sua própria exploração e envolvimento? Essas questões fazem parte de um contexto de análise que pode servir para pensar estratégias para viver em e a cidade. De toda forma, é um sugestionamento que carece de adoção espontânea: ser-estar como indivíduo urbano, muitas vezes, prescinde um saber sê-lo. Mas não custa tentar outras maneiras de ser-estar...A presente proposta provoca olhares de passagem tendo como motivo protagonista a comunidade de Vila Matos na cidade de Salvador, Bahia. Observar o uso do espaço urbano, em área nobre do município soteroopolitano, contrastando com lugares da cidade organizadas pelo poder especulativo do capital e registrar a coexistência de ocupações entre planejadas, organizadas e outras formas de estar no lugar é nosso presente movimento etnográfico e visual. Para os recortes teóricos algumas autorias serão prestigiadas: Eckert e Rocha (2013), sobre Etnografia de Rua e estudos de antropologia urbana; Santo e Becker (2011), sobre ordenamento territorial e uso dos espaços; Mirandola Jr, Holzer e Oliveria (2014), sobre o lugar do espaço e outras contemplações; Mongin (2009), sobre a experiência de explorar a cidade na era da globalização; Carlos, Santos e Alvarez (2018),



sobre resistências, centralidades periféricas e segregações espaciais.



Realização:



Apoio:



Organização:

